

SNI diz que Collor blefa ao anunciar sua extinção

Celson Franco

O ex-governador de Alagoas, Fernando Collor de Mello, não vai acabar com o SNI, se for eleito presidente da República. Mais do que uma mera opinião, esta é uma certeza, no Serviço Nacional de Informações. Lá dentro, as ameaças do candidato do PRN são recebidas com desdém e classificadas como "discurso para eleitor ouvir".

Sintetizando tudo, na frase de um dos homens que ocupam hoje o topo da pirâmide no SNI — "o Serviço não tem medo de Fernando Collor". Não tem porque, entre outras coisas, trabalha especificamente com a informação que é a sua matéria-prima. Além disso, já recebeu do próprio candidato indicações de que a sua proposta se limitará a mudar o nome do órgão, aproximando-o também nesse aspecto, de uma assessoria especial do Presidente.



É evidente que as declarações de Fernando Collor, quando feitas, irritaram os homens do SNI, especialmente o ministro Ivan de Souza Mendes, que foi chamado de "generalão". Hoje, contudo, essas declarações não preocupam, nem ao ministro, nem aos agentes, porque

eles, como o Governo, de forma geral, estão conscientes de que nenhum presidente da República pode prescindir de um órgão de informações que o munície dos dados necessários à tomada de decisões, à sua administração.

O SNI foi criado logo depois do golpe de 64, no dia 13 de junho, pela Lei 4.341, do Congresso Nacional. Sua função fundamental, naquela época, era apontar e cadastrar os "inimigos da Revolução", com todos os equívocos que essa filosofia gerou até aqui.

Hoje — é o que se afirma no SNI — os chefes do "Serviço", o ministro Ivan de Souza Mendes, principalmente, trabalham para profissionalizá-lo, retirando-lhe o caráter ideológico que o envolvia, de forma a adaptá-lo ao sistema democrático de Governo. Este seria outro argumento para a continuação de sua existência.